
Coleção Clássicos Universais

A Odisseia

Homero

Adaptação de Paula Adriana Ribeiro

2ª Edição

 **EDITORA
RIDEEL**

As deusas Afrodite, Hera e Atena disputavam um pomo de ouro que deveria ser entregue à mais bela. Coube a Páris, príncipe de Troia, essa escolha.

Cada uma fez a ele uma proposta irrecusável para conseguir o título desejado. Hera prometeu torná-lo rei de vasto território; Atena ofertou-lhe o dom da sabedoria; Afrodite garantiu-lhe o amor da mais bela mortal. Sem hesitar, o príncipe troiano escolheu Afrodite, a deusa do amor.

Só que a mais bela mortal era Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta. Mas Afrodite o ajudaria na conquista desse amor, e Páris acabou raptando Helena, o que provocou a guerra entre gregos e

2

troianos, a qual se estendeu por vários anos e só cessou com a vitória dos gregos.

Entre os guerreiros gregos, havia um muito admirado e respeitado por seus companheiros: Ulisses. Ulisses estava muito saudosos de sua cidade e de sua família, portanto queria voltar para casa rapidamente.

Como entre os gregos Ulisses era chamado de Odisseu, sua viagem de volta ao lar ficou conhecida como *Odisseia*. A história dessa viagem começa agora.

Pomo: fruto carnudo e macio.



A pesar da grande vontade de rever sua mulher Penélope e seu filho Telêmaco, Ulisses não consegue aproximar-se de sua terra, Ítaca. Ventos contrários levam a sua embarcação para outro lado.

Com muita fome, os homens comandados por Ulisses desembarcam em uma pequena vila onde atacam seus habitantes, que fogem amedrontados. Os habitantes, porém, voltam e se vingam da tripulação, matando mais da metade dos homens. Aqueles que sobrevivem partem rapidamente junto com Ulisses.

Eles prosseguem viagem até desembarcar numa ilha. Ao explorar o lugar, Ulisses encontra uma caverna, na qual entra com seus companheiros.

4





5

Dentro da caverna, eles sentem o chão tremer, e logo avistam um gigante monstruoso que possui um olho só. É um ciclope chamado Polifemo.

Quando fecha a entrada da caverna com uma pedra imensa, Polifemo percebe a presença deles e fica furioso, devorando dois companheiros de Ulisses. Satisfeito, o gigante deita e dorme.

Enquanto isso, com muita raiva, Ulisses pensa numa maneira de escapar.

Ele arranja um pedaço de madeira e, com a ajuda de seus companheiros, afia a ponta. Quando o gigante aproxima-se novamente, Ulisses lhe oferece vinho. Polifemo bebe tanto que acaba dormindo. Então o herói e seus companheiros pegam a madeira afiada nas pontas e furam o olho do ciclope, que acorda com tanta dor e sai da caverna gritando. Aproveitando o desespero do monstro, Ulisses e seus companheiros escapam amarrados embaixo dos colossais carneiros de Polifemo, quando estes saíam da caverna para pastar.

Ulisses prossegue viagem. De repente, o vigia grita:

— Terra à vista!

6

É a ilha habitada por Circe, feiticeira de grande beleza, filha de Hélio, o Deus do Sol.

Desembarcam ali e descansam bastante. Resolvem explorar o lugar, e Ulisses envia um grupo ao interior da ilha; lá os homens encontram um imponente palácio.

Colossal: imenso, enorme.



Ao entrarem, são muito bem recebidos por Circe, que lhes oferece uma saborosa bebida feita de vinho e mel. Mas o que eles não sabem é que a feiticeira colocou na bebida algumas gotas de uma droga que os faria esquecer a terra natal. Não satisfeita, toca-os com uma varinha mágica, transformando-os em porcos, mas conserva-lhes a consciência humana.

Ao saber do ocorrido, Ulisses dirige-se imediatamente para o palácio. No meio do caminho, Hermes, o mensageiro dos deuses, entrega-lhe uma droga benéfica que cortará os efeitos da poção de Circe, e ele logo a toma.

Chegando ao palácio, Circe recebe-o tão bem quanto a seus amigos e serve-lhe a bebida mágica.

8

Depois que ele a bebe, a feiticeira aponta a varinha para ele, mas nada acontece, e Ulisses tira a espada e a ameaça. Amedrontada, ela cede e apaixona-se por ele. Então Ulisses exige:

— Devolva a aparência humana a meus amigos e prometa que não tentará mais nenhum mal contra mim.

O herói e sua tripulação permanecem nessa ilha por muito tempo, até que um dia Ulisses, cansado daquela vida e com saudades de casa, resolve partir. Ele conversa com seus amigos e convence Circe a deixá-lo ir embora.



Saindo da ilha de Circe, muitos obstáculos ainda atrapalhariam o regresso de Ulisses a Ítaca. O herói chega a visitar a terra dos mortos para saber como poderia voltar para casa.

Outro perigo que Ulisses enfrenta é a sedução do canto das sereias, que atrai todos aqueles que se aproximam de sua ilha. Ulisses, a quem Circe havia ensinado como agir com esses seres maravilhosos e terríveis, ordena a seus homens que coloquem cera de abelha nos ouvidos para que não se deixem seduzir pelo canto das sereias e, conseqüentemente, não se atirem ao mar.

Mas a curiosidade de Ulisses é grande. Ele quer ouvir a melodia que enlouquece os homens, e por

IO

isso não tapa os ouvidos com cera. Antes, pede a seus companheiros que o amarrem ao mastro com cordas bem fortes. Ao perceberem a presença da embarcação, as sereias logo começam a cantar:





— Venha para cá, famoso Ulisses, venha nos ouvir. Nós sabemos tudo que acontece na terra e vamos cantar para você.

Ulisses, completamente enlouquecido pelo canto, faz muitos sinais com o rosto para que seus companheiros o libertem, mas eles, ao contrário, o amarram com mais força. Os homens só o soltam quando estão bem longe da área dominada pelas sereias.

A embarcação segue lentamente e a comida é escassa, mas por sorte os homens avistam outra ilha. É a ilha de Hélio, a luz dos homens, irmão de Aurora e da Lua.

Ulisses não quer desembarcar, pois sabe que se o rebanho de Hélios for atacado por seus homens, todos irão sofrer as consequências com a vingança dos deuses. Porém, seus companheiros insistem tanto que ele aceita fazer a parada, não sem antes falar:

— Nós desembarcaremos nesta ilha, mas vocês têm que me prometer que em hipótese alguma tocarão no rebanho sagrado.

Todos concordam com a condição.

Nos primeiros dias, tudo corre bem. Ulisses e seus companheiros pescam e se alimentam, mas é só o herói afastar-se por algumas horas que acontece o





13

que ele tanto temia. Os homens atacam o rebanho para saciar o desejo de carne.

Ao voltar, Ulisses, temeroso, rapidamente parte para evitar a vingança de Hélio. Só que a ira do deus provoca uma tempestade violenta e toda a tripulação morre; apenas Ulisses sobrevive.

Durante nove dias, Ulisses sofre de fome, frio e cansaço, até que chega à ilha de Calipso, uma ninfa, que o acolhe amorosamente. O herói permanece ali por longos oito anos, mesmo contra a sua vontade.

Ninfa: divindade mágica dos rios, dos bosques e dos montes.

A deusa Atena, que é a protetora de Ulisses, resolve interceder junto a Zeus, o pai dos deuses e dos homens. Zeus pede a Hermes que vá até Calipso e ordene que ela liberte Ulisses. Calipso obedece às ordens de seu pai; ela ajuda Ulisses a construir uma jangada, e ele parte mais uma vez.

Ele navegava fazia dezoito dias e no céu não havia nenhuma ameaça. De repente, um vento forte sopra e forma ondas gigantescas que afundam a sua jangada. O herói quase se afoga, mas, com a ajuda dos deuses, consegue se salvar.

Nadando muito, chega a uma praia e se estende na areia, onde acaba adormecendo. Essa praia pertence a Esquéria, terra governada por Alcínoo, um rei muito generoso e justo.

14

Interceder: pedir, rogar.



Nausícaa, filha de Alcínoo, está na praia com suas companheiras, banhando-se e cuidando das roupas do pessoal do palácio, e nota a presença de Ulisses. Depois que o herói apresenta-se e explica tudo que lhe ocorreu até ali — e qual é o seu objetivo, Nausícaa promete ajudá-lo.

Antes de levá-lo para o palácio onde mora, ela oferece roupas limpas e comida ao viajante, que está faminto. Quando chega à casa dos reis de Esquéria, Ulisses repete para o rei Alcínoo e para a rainha Arete a história que havia contado a Nausícaa, e eles, reconhecendo o herói do qual já tinham ouvido muitas narrativas, confirmam a ajuda que a filha tinha prometido. No dia seguinte, bem cedo, uma embarcação espera por Ulisses para levá-lo até Ítaca.



Ulisses, adormecido, é deixado pela tripulação em Ítaca. Ao acordar, não reconhece sua terra natal. A deusa Atena então aparece, com o aspecto de um pastor, para mostrar-lhe onde está, e conta a ele a situação em que seu reino se encontra.

Disfarçado de mendigo (por obra de Atena), Ulisses vai à casa de um antigo e fiel servo, Eumeu, o guardador de porcos.

Apresentando-se como um amigo de Ulisses, ele fica sabendo como sua mulher, Penélope, tinha conseguido escapar até então de um novo casamento.

Vários pretendentes, acreditando que Ulisses estava morto, tinham passado a frequentar a sua





casa e a cortejá-la, pressionando-a a se decidir por um deles.

Penélope tinha reunido todos em sua casa e anunciado que só escolheria seu novo marido depois que terminasse de tecer uma rica manta para seu sogro Laertes, que estava muito idoso e deveria ser sepultado com todas as honras. Os pretendentes tinham aceitado a proposta, pois pensavam que a tarefa não seria longa. Porém, Penélope tecia durante o dia e, à noite, desfazia o que tecera. Assim, ela tinha conseguido adiar a decisão por quatro anos. Um dia, uma criada descobriu o seu plano e contou a um pretendente que, junto com os outros, flagrou-a desmanchando a manta; então ela se viu obrigada a terminá-la.

Após contar tudo isso, o fiel criado, mesmo sem saber que aquele mendigo era seu amo, oferece-lhe abrigo. Telêmaco, filho de Ulisses, vai até o local onde seu pai estava, guiado por Atena. A princípio, Ulisses não se apresenta como tal; continua disfarçado.

Quando Eumeu se afasta, Ulisses é chamado por Atena para fora da casa e esta o transforma no homem belo e forte que sempre foi, e diz:

— É chegada a hora de revelar a verdade a seu filho.

Telêmaco, ao ver em que havia se transformado aquele homem que momentos antes era apenas

18

um velho mendigo, fica espantado e pede explicações. Ulisses lhe conta quem é:

— Você não me reconhece porque, quando parti para Troia, era apenas um bebê.

Depois de se abraçarem, elaboram um plano para libertar Ítaca e Penélope das garras dos interesseiros. Ulisses pede ao filho que volte para casa e não revele que ele está vivo, nem mesmo para sua mãe. Diz que irá em seguida, como mendigo, e que ele, Telêmaco, não deverá reagir caso alguém insulte o pai disfarçado.



O herói continua a explicar ao filho o seu plano, que terá que ser perfeito, pois os pretendentes eram muitos e estavam bem armados. Diz que assim que ele, seu pai, fizesse um sinal com a cabeça, deveria recolher todas as armas que estiverem na sala, levando-as para o andar de cima, com a desculpa de que os criados iriam lustrá-las. Ficariam apenas duas espadas e duas lanças, além de dois escudos de couro que seriam de grande valia.

Quando Eumeu retorna, Ulisses já tinha voltado a ser aquele velho mendigo, e eles vão descansar.

Ao amanhecer, Telêmaco parte. Chegando ao palácio vai ter com sua mãe, que o espera ansiosa.





Ela pergunta-lhe se tinha ouvido notícias de seu pai e ele lhe diz que nada soubera.

Enquanto isso, Ulisses entra em sua propriedade na companhia de Eumeu. Está emocionado por rever a casa que durante longos anos tinha buscado. Para ficar sozinho, pede ao criado que entre e avise Telêmaco de sua chegada. Nesse momento, nota um cão magro e envelhecido, abandonado sobre o esterco. Argos (este era o nome do cão) era apenas um filhote quando Ulisses partira para Troia, mas mesmo assim reconhece seu dono e vai ao seu encontro, mas não resiste e cai morto. Argos esperava a volta de seu dono para descansar em paz.

Ulisses encontra Telêmaco no salão de festas. Lá estão os pretendentes à mão de Penélope, que se fartam de carne e vinho. Para conhecer o caráter desses homens, Ulisses pede a eles um pedaço de carne e, como era esperado, todos se negam a dar e ainda gritam ofensas ao falso mendigo. Penélope ordena às criadas que sirvam o homem.

De repente, aparece na casa Iro, um mendigo que está acostumado a ir ali para pedir comida. Percebendo a presença de um concorrente, sente-se ameaçado e quer atacar Ulisses. Os pretendentes, estimulados por Antino, um homem muito arrogante, instigam os dois mendigos ao combate.

22

Atena ocultamente enrijece os braços e pernas de Ulisses, e então Iro percebe que será massacrado. Tenta fugir da luta, mas os pretendentes o jogam no meio da sala e ele não tem como escapar. Ulisses acerta um soco tão forte que ele cai e é arrastado para fora da casa.

No salão, Ulisses é aplaudido por todos, que mandam servir-lhe mais vinho e comida. O herói come e bebe até se fartar.



Ao fim do jantar, Penélope adormece e a deusa Atena aparece em seu sonho. Atena inspira-lhe o que deveria fazer. Antes, a deusa rejuvenesce a face de Penélope e esculpe seu corpo, deixando-a mais bela do que era quando jovem.

Quando acorda, Penélope chama os pretendentes e anuncia:

— Já que terei que me casar, mesmo contra a vontade, é justo que me devolvam os bens que tiraram durante todos esses anos.

Eles aceitam a proposta, mas ela teria que decidir quem seria seu marido assim que chegassem

24

os presentes, e eles só deixariam de frequentar a casa quando o matrimônio fosse realizado.

Sem demora, todos mandam buscar presentes, que logo enchem o salão. Ela ganha mercadorias valiosas, além de muitas joias.

No dia seguinte, os usurpadores invadem sua casa, ansiosos para conhecer quem será o escolhido para ocupar o lugar de Ulisses.

Penélope vai até eles e afirma que cumprirá o prometido:

— Casarei com aquele que for capaz de armar o arco de Ulisses e fazer uma flecha atravessar doze machados dispostos em linha reta.

Usurpadores: aqueles que se apoderam, por violência ou usando algum outro meio, de coisa que não lhes pertence por direito.



Todos aprovam a ideia, pois se julgam aptos a realizar tal tarefa, e aqueles que não se sentem seguros não querem demonstrar sua fraqueza perante os outros.

Telêmaco arruma os machados e coloca o arco à disposição dos pretendentes.

O primeiro não consegue nem dobrar a corda e desiste, humilhado. Outros tentam, mas também não são felizes. Chega a vez de Antino, o mais cruel entre todos, mas este, percebendo que não conseguirá, propõe que a prova seja adiada para o dia seguinte.

Durante a prova, Ulisses tinha se aproximado de Eumeu e de Filício, outro criado que também lhe

26

fora fiel, e revelado a sua verdadeira identidade. Para que estes não tivessem dúvida de que era realmente Ulisses, mostra-lhes uma cicatriz que tinha desde a infância, quando fora ferido por um javali numa caçada. Os dois criados emocionam-se e abraçam o amo há tanto tempo desaparecido. Ulisses diz que conta com a ajuda deles para se vingar daquele bando de interesseiros que se apossaram de seus bens e cobiçavam sua mulher. Prontamente os dois ouvem as ordens de Ulisses e tratam de colocá-las em prática.

O herói retorna à sala e pede que o deixem tentar concluir a tarefa que ninguém tinha conseguido. Todos negam o pedido de Ulisses, que pergunta:

— Que mal há em deixar um velho mendigo, inofensivo, ver se ainda tem a mesma habilidade de antigamente?



Penélope mais uma vez intercede a favor do desconhecido e permite que ele teste sua força, dizendo que ele não pretendia desposá-la, e que lhe presentearia com o arco se ele realizasse a tarefa.

Telêmaco aconselha sua mãe a se recolher em seu quarto. Eumeu entrega o arco a Ulisses e vai pedir a Euricleia, a criada mais antiga, que feche todas as portas da casa.

Ulisses arma facilmente o arco e conclui a tarefa de forma impecável. Todos os presentes ficam admirados e indignados com o ocorrido.

Nesse momento Ulisses revela quem é e despe os farrapos que lhe cobriam o corpo forte.

28

O herói então aponta a primeira flecha para Altino, e acerta-o na garganta, matando-o na hora. Os outros pretendentes, apavorados, tentam fugir, mas Telêmaco e os fiéis servos, sempre auxiliados por Atena, já estão armados e começam a chacina.

Alguns tentam argumentar que não tinham culpa, que o culpado seria Alcino, mas como este já estava morto, a justiça já havia sido feita. Ulisses não quer ouvir os argumentos dos covardes que não eram capazes de lutar ou morrer dignamente. Só dois foram poupados: o aedo Fêmio, que era obrigado a alegrar os banquetes com suas narrativas, e Medonte, que havia cuidado de Telêmaco quando este ainda era criança.

*Aedo: poeta que contava histórias através da música.
Chacina: matança.*



Terminado o feroz combate, Ulisses, vitorioso, reúne a criadagem e ordena que limpem o sangue e queimem enxofre para purificar o local. Euricleia vai até Penélope e conta o que havia ocorrido, e que o marido guerreiro havia retornado a seu palácio.

Penélope não acredita no que ouve e vai ao encontro de Ulisses, que a espera em uma das salas da casa. Sua reação parece estranha para Telêmaco, que não entende o comportamento frio da mãe. Ela, desconfiada, quer uma prova de que aquele é o seu amado Ulisses.

Para testá-lo, diz que mandará retirar a cama na qual dormiu muitas vezes ao lado de seu marido e

30

mandará que seja arrumada outra no lugar, para que ele repouse. O astuto herói imediatamente lhe responde:

— Como você retirará a cama que eu mesmo esculpi no tronco de uma oliveira que cresceu no salão da casa, erguendo ao seu redor nosso majestoso quarto?

Essa era a prova que Penélope precisava para acreditar que aquele era o seu tão esperado marido, que muitos já julgavam morto. Penélope o abraça, chorando de alegria, e agradece aos deuses a sua volta.



No entanto, a paz ainda está longe de chegar à Ítaca, pois os parentes dos massacrados não se conformam e anunciam vingança.

Atena, que assiste a tudo, pede autorização a seu pai, Zeus, o senhor dos céus, para mais uma vez interferir a favor de Ulisses. Os homens sedentos de vingança chegam à porta do palácio de nosso herói.

Este já os esperava armado, ao lado de seu pai, Laertes, e de seu filho, Telêmaco. Os três investem violentamente contra os inimigos, que recuam assustados. Haveria outro massacre se Atena não gritasse:

— Basta, chega de violência!

32

Mesmo assim Ulisses ataca, mas um raio cai aos pés da deusa, apavorando todos, que param imediatamente e largam suas armas, temendo a ira dos deuses.

E nesse dia a paz voltou a reinar em Ítaca, a tão amada terra de Ulisses, um herói de verdade.